

# USO DE ARTIVISMOS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

## USE OF ARTIVISM IN THE CONTINUOUS TEACHER EDUCATION FROM A POPULAR EDUCATION PERSPECTIVE

Angela Aparecida Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo anseia mostrar aspectos da formação continuada de professores, utilizando práticas de ativismo em uma perspectiva da educação popular. São apresentados diversos conceitos, bem como pesquisas e dados relacionados aos temas abordados. Carlos Brandão, Cláudia Zamboni, Maria da Glória Gohn, Osmar Fávero, Paulo Freire, Vera Regina Boccato são alguns dos autores que dão aporte aos temas, bem como David Buckingham, pesquisas do Insti-

tuto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, do Centro Regional para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, entre outros.

**Palavras chaves:** Ativismo. Educação, Educação Popular, Formação de Professores

**Abstract:** This article aims to show aspects of the continuing education of teachers, using activism practices from a popular education perspective. Several

---

<sup>1</sup> UFTM

concepts are presented, as well as research and data related to the topics covered. Carlos Brandão, Cláudia Zamboni, Maria da Glória Gohn, Osmar Fávero, Paulo Freire, Vera Regina Boccato are some of the authors who contribute to the themes, as well as David Buckingham, research from the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira, from the Regional Center for the Development of the Information Society, among others.

**Keywords:** Artivism. Education, Popular Education, Teacher Training

## INTRODUÇÃO

O Censo da Educação Básica realizado pelo INEP (2018) mostrou que, no ensino fundamental brasileiro atuam 1,4

milhões de professores (sendo que 762,9 mil nos anos iniciais e 763,8 mil nos anos finais). Do total de docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, 78,5% têm nível superior completo (77,3% em grau acadêmico de licenciatura e 1,2% bacharelado), 6,3% estão cursando o ensino superior completo e 11,0% têm ensino médio normal/magistério. Foram identificados ainda 4,3% com nível médio ou inferior. E ainda, de acordo com o Censo da Educação Superior (INEP, 2019), entre 2014 e 2019 foram ofertadas, em cursos de graduação, 6.029.702 vagas presenciais e 10.395.600 vagas à distância. Os dados mostrados pelo INEP são referentes à educação considerada formal. Esta, como definida em Cazelli e Coimbra (2013), é aquela promovida nas instituições, que possui regras muito bem definidas e que deter-

minam o conteúdo a ser aprendido nas grades curriculares.

Outra modalidade de educação a ser considerada é a “não formal”. O termo educação não formal começou a ser usado nos finais da década de 1960, época de conjeturas políticas e sociais propícias à criação de novos espaços educativos (BELLE, 1982). Assim, “começava a tomar corpo outro setor da Educação que se deslocava da formalidade da escola, reconhecidamente em crise” (CAZELLI; COSTA; MAHOMED, 2010, p. 584).

É neste deslocamento da educação para longe das barreiras impostas pelas regras das instituições que se constituiu a chamada educação popular. Conforme Brandão (2006), a primeira experiência de educação com as classes populares, a que se deu, sucessivamente, o nome de educação de base (no MEB, por

exemplo), de educação libertadora e mais tarde de Educação Popular, surge no Brasil no começo da década de 1960.

Em um artigo publicado em 2007, Maria da Glória Gohn afirma que

a educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que pos-

sibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2007, p.27)

Esta característica da educação não formal que desenvolve várias dimensões do ser humano na sociedade traz consigo a possibilidade de se trabalhar com “ativismo”, em busca de uma formação docente continuada de formas variadas, longe do modelo padrão seguido há tantos anos. O ativismo procura gerar acontecimentos que rompam a estrutura da comunicação convencional (Aladro-Vico, Jivkova-Semova; Bailey, 2018). Uma possível definição deste termo é avançada por Raposo:

A sua natureza es-

tética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Ativismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística - nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística. (RAPOSO, 2015, p. 3)

De tal modo, existem ativismos circulando em diferenciados espaços, unindo resistências, arte e criatividade. Com intuito de transformar, as pessoas envolvidas chamam a atenção para todo tipo de assunto, a fim de promover tensões,

fissuras e a viabilização de novas formas de ser e existir no mundo.

Quanto ao espaço de ação das práticas artivistas, vale salientar que elas ocorrem em variados espaços. E por que não, no espaço destinado à formação de professores?

Assim sendo, o objetivo deste artigo é analisar aspectos da educação popular que possam ser trabalhados na formação continuada de professores com uso de artivismos, a fim de promover um debate de ideias sobre iniciativas que visem superar a lógica educacional hegemônica. O problema encontrado foi: como criar projetos que trabalhem a formação continuada de docentes numa perspectiva popular unindo criatividade, arte e ativismo?

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Cultura e educação popular

por Paulo Freire

Brandão & Fagundes (2016), afirmam que a discussão sobre cultura e educação popular, assentou-se no Brasil em movimentos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial. O país iniciou um período de redemocratização com bastante tensão por causa da dualidade representada pelo capitalismo dos Estados Unidos e da proposta socialista representada pela então União Soviética, China e Cuba.

Ainda segundo os autores, as expressões como cultura popular, educação popular e educação de base eram tidas como o bem que o povo teria acesso e, devido ao contexto da época, necessitavam de reconhecimento de suas atividades. Assim, um projeto político educacional foi sendo organizado a fim de que a ordem das relações de poder e a

vida do país fossem conseguidos pelas mãos do povo. Seria uma educação para tomada de consciência, que nem sempre é bem visto pelas camadas que detém o poder. Porém, como diz Gullar, a consciência esperada da educação popular “[...] é compreender que o problema do analfabetismo, como a deficiência de vagas nas Universidades, não está desligado da condição de miséria do camponês, nem da dominação imperialista sobre a economia do país”. (GULLAR, 1983, p. 51).

Além disso, Fávero (1983) explica que o sentido de cultura popular não é um meio político de preparação das massas para conquistar o poder, mas um profundo sentido dialético entre cultura popular e libertação humana. Este processo de educação libertadora, por sua vez,

não deveria descuidar do encorajamento do homem e da

mulher para se inserirem e discutirem a problemática da sociedade de seu tempo e, conscientes deles, pudessem, por meio do diálogo constante, superar as prescrições alheias a si, criando, assim, “[...] uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão, que o identificasse com métodos e processos científicos”. (FREIRE, 2003, p. 98).

Tal proposta educativa de Paulo Freire fundava-se na construção de uma consciência crítica, construída na ação e reflexão das mulheres e homens com e no seu tempo. Tal fato só pode ser conseguido através da educação.

**Educação emancipatória como forma de resistência**

As contribuições de Paulo Freire no campo da resistência foram engendradas a partir da crítica à educação bancária e no movimento de superação pela formulação de uma educação libertadora que se realiza como “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 1985, p. 125). No pensamento freireano, todo ser humano é produtor de conhecimento e, portanto, produtor de cultura.

De acordo com Souza (2007), a ação educativa fundada na prática dialógica, possibilita ao ser humano maior poder social, maior poder de intervenção para transformar as situações degradantes e permite aos sujeitos a busca permanente de ações e reações de solidariedade, respeito e responsabilidade com eles

mesmos, com os outros e com o mundo.

A fim de manter a resistência em relação às situações degradantes, opressoras ou de conflitos, pode-se analisar a educação popular em Paulo Freire pelo fato de que o autor nutre anseios por uma educação potencializadora de mudanças sociais, onde afirmava que “é preciso que a educação dê carne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso que, então, instaurará uma sociedade justa e bela” (Freire, 1989, p. 28).

### **Arte, Artivismo e a formação continuada de professores**

Na atualidade, não se pode pensar em nenhuma prática social, educativa ou laboral em que não haja tecnologia empregada. De acordo com a pesquisa TIC Educação - Professores, rea-

lizada pela CETIC.BR (2019), entre os temas de interesse entre os professores na busca por cursos e palestras, os mais citados são o uso de tecnologias em sua própria disciplina de atuação (65%), o uso de tecnologias em novas práticas de ensino (65%) e formas de orientar os alunos sobre o uso seguro do computador, da Internet e do celular (57%). De acordo com a pesquisa, 90% dos professores afirmaram que aprenderam sozinhos a usar as tecnologias, 87% deles buscaram orientação dos parentes e familiares e 82% procuraram a ajuda dos pares. A busca por vídeos e tutoriais on-line sobre o uso das TIC nas práticas pedagógicas cresceu 16 pontos percentuais entre 2015 (59%) e 2018 (75%).

A pesquisa citada mostra que é relevante a busca de professores por atualizações e novas práticas de ensinar e aprender. A

modernidade foi agraciada com o advento da Internet, da cibercultura, onde as informações estão conectadas e podem ser acessadas facilmente. A tecnologia pode mediar as formas de pensar ou expressar em todos os sentidos, inclusive na Arte, “atento ao desenvolvimento tecnológico e científico, o artista vai incorporando novas ferramentas, que são meios diferentes de trabalho, buscando nas diversas áreas do conhecimento um compartilhar de ideias” (ALMEIDA, 2003, p. 75).

É neste movimento artístico e transdisciplinar que o ativismo pode contribuir para práticas mais criativas na formação de professores na atualidade. Buckingham e Banaji (2006) sugerem que, na educação, as definições de criatividade que tiveram mais efeitos nos últimos 50 anos foram aquelas que casaram

criatividade e imaginação, adotando uma abordagem inclusiva, sugerindo que todos têm potencial para criatividade, pois é um aspecto fundamental de natureza humana.

Tal aspecto criativo, onde o indivíduo é convidado a fazer parte da criação e não somente ser um reproduzidor de conteúdos, é o que se deseja utilizando artivismo na formação continuada de professores. Através da busca por suas próprias criações, o professor pode perceber que a serendipidade caminha com ele desde sempre. O termo “serendipidade” é associado à solução de problemas e construção de conhecimento que ocorrem a partir de descobertas fortuitas, ou seja, por acaso. De acordo com Foster e Ford (2003), tal termo foi considerado como parte integrante do processo criativo das Artes e Humanidades, das

Ciências Sociais e de outros campos científicos, entretanto a experiência com tal abordagem pode ser distinta entre diferentes áreas do conhecimento.

Mas como poderiam ser incluídas as práticas de artivismos, neste aspecto criativo, para a formação de professores? Alguns exemplos do que pode ser trabalhado nas diversas esferas da Arte dentro e fora das instituições: oficinas de pinturas, rodas de conversas com criação de painéis, cursos lúdicos variados, arte com materiais reciclados, montagem com colagens, lambe-lambes, grafites com pincéis e/ou giz, artes digitais, memes, banners com ferramentas on-line, quadrinhos, fotonovelas, vídeos, podcasts, charges, fotografias, performances, poesias, entre outros. Tudo que possa tornar o processo mais interessante, menos enfadonho para o professor,

que já tem tanto a processar durante todas as suas horas de trabalho.

Para Torre (2011), a criatividade no contexto educacional está além dos aspectos cognitivos: é uma questão de atitude do ser, ao realizar o bem a si mesmo e ao outro, de forma a abranger o contexto social. É este tipo de formação engajada que se pretende usando o ativismo aliadas às concepções de educação popular.

## METODOLOGIA

O processo de seleção e formação do corpus de análise para a realização desta pesquisa se deu através de pesquisa bibliográfica. Segundo Bauer e Aarts (2002), o corpus de um tema é composto pelos materiais (conjunto de documentos) identificados como fontes importantes para que o pesquisador possa

fundamentar seu texto, adequado ao caráter científico necessário à sua escrita. Isto posto, foi feita uma pesquisa bibliográfica, a fim de mapear conceitos de todos os temas abordados, além de ensaios alusivos ao ativismo.

Este tipo de pesquisa caracteriza-se por ser uma revisão da literatura em relação às principais teorias que conduzem o trabalho científico. Esta investigação é chamada de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet, etc. Conforme esclarece Boccato,

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o co-

nhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266)

A pesquisa bibliográfica se iniciou com a busca e organização das informações nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (<https://www.periodicos.capes.gov.br/>). Um dos requisitos de busca foi

temporal, limitando aos últimos dez anos. Todos os termos foram pesquisados apenas no título e os recursos associados a estes termos foram artigos, dissertações e teses.

Por conseguinte, na base de dados da Capes com os termos “formação” e “professores” (ambas as palavras) nos títulos, mostra cerca de 2300 artigos, 21 livros e 12 teses publicados nos últimos dez anos. Já quando se troca os termos para “formação” e “continuada”, com os mesmos critérios, encontra-se 575 artigos, 01 livro e nenhuma tese ou dissertação. O termo “ativismo” aparece citado em 61 artigos e uma tese. Já a pesquisa por “educação popular” possui cerca de 630 artigos. Através do resumo dos artigos foram escolhidas as leituras que poderiam servir de aporte para o desenvolver do presente trabalho.

Esta revisão bibliográfica foi realizada ao longo da pesquisa e de acordo com a necessidade de interpretação dos conceitos e temas abordados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da literatura consultada, deu-se ênfase, neste estudo, à análise dos aspectos considerados fundamentais para se compreender que a formação continuada de professores pode ser mais dinâmica, interativa, criativa, emancipatória e transformadora. Buscou-se refletir acerca das práticas diversas utilizadas na educação popular, alinhando-as com processos de ativismo, a fim de compreender a importância da inovação educacional e das metodologias que incorporam a criatividade no processo de ensinar, sendo fundamental a percepção docente de

que o conhecimento é um contínuo aprender.

O que se pretende com o uso de artivismos atrelados às ideias da educação popular é a possibilidade de uma formação que vise à valorização dos potenciais criativos e das capacidades de organizações de práticas educativas, orientadas ao desenvolvimento do ser humano, ambicionando o bem coletivo individual, social e geral. Segundo Torres (2011), tal visão de formação continuada se configura na concepção formativa emancipatória, por ter como proposição uma educação transformadora, baseada em mudanças de consciência, valores, potenciais humanos e competências para a vida.

É necessário, portanto, que o professor se engaje criativamente em seu próprio aprendizado, motivado por uma formação mais dinâmica, interessante,

criativa, que o estimule a sair da zona de “des”conforto que existe na formação continuada tradicional hegemônica. De tal modo, ele estará contribuindo na construção subjetiva de saberes que se manifestam nas relações e nas práticas sociais, que vai refletir positivamente em sua prática pedagógica em sala de aula.

Analisa-se então, que a ação da educação popular aliada à práticas de ativismo, voltadas à formação continuada de professores pode ser prazerosa, de grande aprendizado, alegre, divertida, criativa, respeitando os conhecimentos anteriores dos indivíduos, de suas diferenças e condições humanas, culturais e sociais, a fim de emancipá-los pedagogicamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALADRO-VICO, E.; JIVKOVA-SEMOVA, D.; BAILEY, O. Artivism: a new educative language for transformative social action. *Comunicar*, v. 26, n. 57, p. 9-18, 2018.

ALMEIDA, C. Z. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, A. D. (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2003.p. 73-75

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. [In]: BAUER, martin; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BELLE, T. J. Formal, non formal and informal education: a holistic perspective on lifelong

education. *International Review of Education*, v. 28, p. 159-175, 1982.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, SP*, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, C. R ; FAGUNDES, M. C.V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. *Educar em Revista*, n. 61, p. 89–106, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602016000300089](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000300089)>. Acesso em: 1 Feb. 2021.

BUCKINGHAM, D; BANAJI, S. *A retórica da criatividade: uma revisão da literatura*. 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/527681/The\\_Rhetorics\\_of\\_creativity\\_a\\_review\\_of\\_the\\_literature](https://www.academia.edu/527681/The_Rhetorics_of_creativity_a_review_of_the_literature). Acesso em: 02 fev. 2021.

CAZELLI, S.; COIMBRA, C. A. Q. Proposta para a avaliação da prática pedagógica de professores. *Ensino em Re-Vista, Uberlândia: UFU*, v. 20, n. 1, p. 133-148, jan./jun. 2013.

CAZELLI, S; COSTA, S.F; MAHOMED, C. O que precisa ter um futuro professor em seu curso de formação para vir a ser um profissional de educação em museus? *Ensino Em-Revista, Uberlândia*, v. 17, n. 2, p. 579-595, 2010.

CETIC.BR - Centro Regional para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. TIC Educação - Professores. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/educacao/2019/escolas-urbanas-professores/>>. Acesso em: 1 Feb. 2021.

FÁVERO, O. (Org.). Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, P. The politics of education: culture, power, and liberation. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2003.

FOSTER, Allen; FORD, Nigel. Serendipity and information seeking: an empirical study.

Journal of Documentation, v. 59, n. 3, p. 321-340, 2003. DOI: 10.1108/00220410310472518.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003)>. Acesso em: 1 Feb. 2021.

GULLAR, F. Cultura popular. In: FÁVERO, O. (Org.). Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60 . Rio de Janeiro: Graal , 1983.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Básica. 2018. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/>

publicacoes/institucionais/estatisticas\_e\_indicadores/resumo\_tecnico\_censo\_da\_educacao\_basica\_2018.pdf. Acesso em: 16 jan. 2021.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior. 2019. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/centso\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/centso_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf). Acesso em: 16 jan. 2021.

RAPOSO, P. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

SOUZA, J. F. E a educação popular: Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive

escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: Bagaço, 2007. 424 p.

TORRE, S; ZWIEREWICZ, M; FURLANETTO, E.C. (orgs.). Formação docente e pesquisa interdisciplinar – criar e inovar com outra consciência. Blumenau: Nova Letra, 2011.